



Revista Brasileira de História de
Educação

E-ISSN: 2238-0094

rbhe.sbhe@gmail.com

Sociedade Brasileira de História da
Educação
Brasil

Gaspar da Silva, Vera Lucia

Objetos em viagem: discursos pedagógicos acerca do provimento material da escola
primária (Brasil e Portugal, 1870 – 1920)

Revista Brasileira de História de Educação, vol. 13, núm. 3, septiembre-diciembre, 2013,
pp. 207-233

Sociedade Brasileira de História da Educação
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161040010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Objetos em viagem: discursos pedagógicos acerca do provimento material da escola primária (Brasil e Portugal, 1870 – 1920)

Vera Lucia Gaspar da Silva*

Resumo:

Neste artigo pretende-se localizar e analisar um conjunto de prescrições indicadoras do provimento material da escola, no intuito de identificar um desenho material para escola primária de Brasil e Portugal, num importante período de sua organização, qual seja, finais do século XIX e início do século XX. Como fonte, optou-se por manuais pedagógicos - entendendo-os como difusores de ideias pedagógicas - adotados em Escolas Normais no Brasil e em Portugal. Em termos teóricos, o trabalho se sustenta em discussões acerca da cultura material da escola e da circulação de saberes pedagógicos. Espera-se contribuir com os estudos da área, particularmente aqueles afetos à cultura material escolar e à circulação de ideias pedagógicas – neste caso, por meio da “circulação de objetos da escola”.

Palavras-chave:

cultura material escolar; internacionalização e circulação de saberes pedagógicos; objetos da escola.

* Doutora em Educação: História da Educação e Historiografia pela Universidade de São Paulo - USP. Professora Associada do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Observatório de Práticas Escolares (UDESC) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina.

Objects in transit: Pedagogical discourses about the provision of school materials (Brazil and Portugal, 1870 – 1920)

Vera Lucia Gaspar da Silva

Abstract:

This article situates and analyzes a set of guidelines for the provision of school materials in order to identify a material design for elementary schools in Brazil and Portugal in an important period of their organization, the late 19 and early 20th centuries. The source of this research were pedagogical manuals - understood to be promoters of pedagogical ideas - used at teacher training schools in Brazil and Portugal. In theoretical terms, the work is supported by discussions about the material culture of schools and the circulation of pedagogic knowledge. This study hopes to contribute to studies in the field, particularly to those concerning school material culture and the circulation of pedagogical ideas, in this case, through the “circulation of school objects.”

Keywords:

material school culture; internationalization and circulation of pedagogical knowledge; school objects.

Objetos en viaje: discursos pedagógicos acerca del suministro material de la escuela primaria (Brasil y Portugal, 1870-1920)

Vera Lucia Gaspar da Silva

Resumen:

En este artículo se pretende localizar y analizar un conjunto de indicadores del abastecimiento material de la escuela con la finalidad de identificar un diseño material para la escuela primaria de Brasil y Portugal en un importante período de su organización, o sea, finales del siglo XIX y principios del XX. Como fuente se optó por manuales pedagógicos- entendiéndolos como difusores de ideas pedagógicas-adoptados en Escuelas Normales en Brasil y en Portugal. En términos teóricos, el trabajo se sustenta en discusiones acerca de la cultura material de la escuela y de la circulación del conocimiento pedagógico. Se espera contribuir con los estudios del área, particularmente aquellos concernientes a la cultura material escolar y a la circulación de ideas pedagógicas-en este caso- por medio de la “circulación de objetos de la escuela”

Palabras-clave:

Cultura material escolar; internacionalización y circulación de saberes pedagógicos; objetos de la escuela.

Introdução

Neste artigo pretende-se localizar e analisar um conjunto de prescrições indicadoras do provimento material da escola, no intuito de identificar um desenho material para a escola primária de Brasil e Portugal num importante período de sua organização, qual seja, finais do século XIX e início do século XX. Como fonte, optou-se por manuais pedagógicos adotados em Escolas Normais dos países envolvidos neste estudo (Brasil e Portugal), entendendo-os como difusores de ideias pedagógicas.

Nos últimos anos, concomitantemente com as discussões sobre o alargamento das fontes de investigação e, mais especialmente, aquelas ligadas à preservação do patrimônio material escolar, têm aumentado as pesquisas que problematizam questões referentes ao provimento material das escolas.

Para Antón Costa Rico, vem-se assistindo ao nascimento:

[...] de nuevas preocupaciones de estudio y de nuevas miradas, documentadas igualmente en la diversidad de aportaciones históricas, que actualmente registramos en aumento. Con todo ello nos hemos acercado, por ejemplo:

. a las arquitecturas escolares, con toda su potencialidad educadora y su gama variada de tamaños y modos, en cuanto a espacios “cualificados” y más o menos adecuados para la plasmación de un dado ideário pedagógico;

. a los tiempos y modos de distribución y ordenación de horarios y calendários;

. al mobiliário y equipamientos de las aulas;

. a los manuales escolares, con sus variadas manifestaciones;

. a la diversidad de los cuadernos de clase;

. o, a la también diversidad de materiales y recursos didácticos, parietales o de mesa, por los que con frecuencia nos hemos visto sorprendidos (RICO, 2012, p. 156-157).

A localização de informações pode se dar de diferentes formas. Dentre elas, fez-se a opção por conteúdos de livros adotados ou indicados para uso nas escolas de formação de professores. Importante registrar que não se pretende apresentar uma história desses livros ou de seus autores, o que exigiria a mobilização de outras ferramentas teórico-metodológicas, e isso

já tem sido feito de forma bastante competente por outros pesquisadores. O uso que se faz aqui é de suas páginas como fonte de informações e portadoras de um discurso sobre a escola, destacando-se, para os limites deste estudo, aspectos referentes ao projeto material para a escola primária.

Considera-se esta uma fonte que amplia o leque de recursos interpretativos acerca da dimensão material sugerida (ou prescrita) às escolas e de seus usos. Acompanhando Antônio Carlos Correia e Vivian Batista da Silva (2002, p. 13), entende-se que esses livros

[...] manifestam rituais das aulas ministradas junto aos normalistas e, principalmente, fazem circular determinados saberes, procedimentos e actividades que deverão ser reproduzidos pelos estudantes quando do exercício do magistério. Definem-se assim regras tidas como ideais para se conduzir o ensino ou, em outras palavras, delimitam-se rituais ou ritos específicos da escola.

Esses rituais ou ritos têm por cenário, além de outros aspectos, um quadro material que organiza e dá sustentação aos projetos de escolarização. Como *corpus* empírico, após incursões em trabalhos já desenvolvidos e que tratam particularmente de impressos pedagógicos e sua circulação entre Brasil e Portugal, bem como da garimpagem em arquivos nos dois países, optou-se¹ pelo seguinte conjunto de livros, que assume aqui o lugar de fonte documental: *Elementos de Pedagogia*, de José Maria da Graça Affreixo e Henrique Freire² (1870); *Curso Práctico de Pedagogia*: Destinado aos Alunos-Mestres das Escolas Normaes Primarias e aos

1 A referência aqui é aos docentes-pesquisadores Carlos Miguel de Jesus Manique da Silva; Maria Teresa Santos Cunha; Rosa Fátima de Souza; Vera Lucia Gaspar da Silva e Vera Teresa Valdemarin, com os quais se concebeu a proposta que agora toma forma de publicação.

2 José Maria da Graça Affreixo (1842), formado em Letras, foi delegado na conferência escolar reunida no Ministério do Reino em 1869 e subinspetor de instrução primária em Aveiro. (**Dicionário Bibliográfico Português**, localizado em: <<http://www.bdalentejo.net/conteudo/>>) Henrique Augusto da Cunha Soares Freire (1842-1908) foi jornalista, escritor, professor e pedagogo, formado pela Escola Normal Primária de Lisboa. Foi editor da revista pedagógica *A Escola*, professor da Escola Normal Primária de Évora até a sua extinção, em 1902, e depois professor em Beja e São Brás de Alportel, onde faleceu (Conforme: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_Augusto_da_Cunha_Soares_Freire>).

Instituidores em Exercício³, de Daligault (1874); *Lições de Pedagogia Geral e de História da Educação*, de Alberto Pimentel Filho (1932⁴); *Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental*, de Antonio de Sena Faria de Vasconcelos (1986⁵); e *Lições de Metodologia*, de Bernardino da Fonseca Lage⁶ (1920⁷). Trata-se de livros de Pedagogia, Metodologia e Pedologia, destinados à formação de professores do ensino primário, que circularam no Brasil e em Portugal entre a segunda metade do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, período tomado como baliza para o presente trabalho.

-
- 3 A segunda edição deste livro, que serviu de base para a presente tradução, foi publicada na França em 1852. Mr. Daligault destacou-se no cenário educativo francês e foi diretor da Eschola Normal Primária de Alençon.
 - 4 Neste texto, tomou-se por base a edição “refundida e ampliada”, datada de 1932, sendo a primeira edição de 1875. A obra caracteriza-se pelo tom enciclopédico, trazendo um longo panorama sobre a história da educação, seus fundamentos filosóficos, sociológicos e psicológicos, e se estende por cerca de 500 páginas. Alberto Pimentel Filho, diplomado pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, dedicou-se ao Ensino Normal e lecionou nas Escolas Normais de Lisboa durante mais de três décadas (NÓVOA, 2003).
 - 5 Para este trabalho, foi utilizada a edição de 1986, localizada na Biblioteca Universitária da UDESC. Tomou-se por base a parte que trata de “Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental”, escrita em 1909, que reúne uma série de lições sobre Pedologia, proferidas por Vasconcelos na Sociedade de Geografia de Lisboa, “sob os auspícios da Liga de Educação Nacional”. Antonio de Sena Faria de Vasconcelos (1880-1939) estudou Direito em Coimbra e, em 1902, foi para a Bélgica, estudar na Universidade Nova, onde chegaria a professor catedrático. Voltando para Portugal atuou como professor na Universidade de Lisboa e continuou a escrever (CRUZ, 2001).
 - 6 Bernardino da Fonseca Lage diplomou-se na Escola Normal de Lisboa. Em 1911, era professor na Escola Normal de Coimbra. Exerceu igualmente atividade docente em Angola (NÓVOA, 2003).
 - 7 Optou-se aqui por datar a publicação com o ano de 1920, considerando anotação manuscrita presente na versão utilizada, coletada na Biblioteca Nacional de Lisboa; contudo, alguns autores indicam 1923 como ano de publicação desta obra.

Para este artigo, em específico, acordou-se⁸ explorar o conteúdo dos manuais, tendo como chave de análise a cultura material escolar⁹. Recorrendo a António Nóvoa e Jürgen Schriewer (2000, p. 133), reafirma-se que “[...] o nosso esforço intelectual não tem como referência o estabelecimento de dicotomias, mas antes a compreensão do modo como diferentes práticas discursivas se imbricam e se sobrepõem configurando maneiras de pensar e de agir”. Nessa perspectiva, não se pretende construir uma falsa universalização, tal como adverte Denice Catani (2000). O investimento é direcionado no sentido de construir um quadro que retrate, em parte, o projeto material para a escola primária pela voz dos pedagogos. No conteúdo explorado, aos poucos foram se delineando traços que compõem um desenho que apresenta (e representa) uma configuração da materialidade escolar.

Em termos teóricos, o trabalho sustenta-se em discussões acerca da cultura material da escola, as quais vêm ganhando impulso no campo educativo, como subsídio para explorar e compreender cenários de igualdade x desigualdade; diferentes ritmos de aprendizagem; diferentes sentidos atribuídos ao trabalho docente e à escola, além da relação desses objetos com o progresso econômico e industrial. A análise preocupa-se também com a explicação dos processos de circulação de ideias pedagógicas, inscritas na provisão material prescrita e prevista para a escola primária.

Tendo por referências Richard Bucaille e Jean-Marie Pesez (1989), advoga-se que os artefatos escolares comuns e anônimos estabelecem um laço material com uma dada história e, através deles, buscam-se pistas para entendê-la e escrevê-la. Como ensina Jean-Marie Pesez (2005, p.

8 A referência aqui é aos colegas anteriormente citados que integraram a mesa “*Palavras Viajeiras*: Circulação do conhecimento pedagógico em manuais escolares (Brasil / Portugal – Segunda metade do século XIX primeiras décadas do século XX)”, apresentada no IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Rituais, Espaços & Patrimónios Escolares, realizado em Lisboa em 2012.

9 Este texto se alinha com outros trabalhos sobre os quais temos nos debruçado, desenvolvidos pelos seguintes grupos: “Grupo Temático G3 - Cultura Material Escolar: A materialidade da escola primária graduada pelo estudo da cultura material escolar (SE, MA, PR, GO e SC)”, abrigado no projeto de pesquisa “História da Escola Primária no Brasil: investigação em perspectiva comparada em âmbito nacional (1930-1961)”; e projeto de pesquisa “Objetos da Escola: Cultura material da escola graduada (1870-1950) – 2ª edição” (UDESC/CNPq/FAPESC).

253), é “nas relações sociais que se deve buscar a significação dos fatos materiais”, e é tarefa dos estudos desta área “descobrir, através da cultura material, as relações sociais e os modos de produção das sociedades do passado” (PESEZ, 2005, p. 284-285). No caso da reflexão tecida neste artigo, esse desafio se dá pelo exercício de analisar e compreender relações sociais que os sujeitos escolares estabeleceriam por intermédio da vivência material, explorando o tema a partir das orientações que o discurso pedagógico prescreve para os docentes.

Para Agustín Escolano Benito (2012, p. 11):

Los objetos, las imágenes, las escrituras y las voces se han constituido en fuentes del nuevo archivo que la arqueología de la educación ha configurado para indagar, desde la perspectiva de la historia material, el campo de la cultura de la escuela. Estas materialidades, en sí mismas consideradas, son elementos residuales de las acciones humanas, pero transformadas en documentos depurados por la crítica, ordenadas en series taxonómicas, reintegradas en su contexto de creación y uso, o asociadas a campos semánticos significativos de la cultura de la que proceden, son el sustrato empírico de la tradición disponible en la pedagogía escolar; esto es, el fundamento esencial, como advirtió Michel de Certeau, de las formaciones discursivas desde las que se constituyen en archivo y en fuentes acreditadas para una arqueología de los saberes acerca de la educación.

Ciente da polissemia do termo e da dispersão a que a temática pode remeter, buscou-se ajustar as lentes para identificar enunciados sobre o aparelhamento material proposto para as escolas. A aposta foi de que esta incursão por discursos pedagógicos poderia levar à compreensão mais acurada do emaranhado de que se reveste a investigação sobre cultura material escolar.

Aliás, para Bernardino Lage (1920, p. 211), desde que as mudanças políticas e sociais do século XVIII propiciaram a superação do método autoritário (a educação teria aqui, como princípio, a estabilidade e, como fim, a transmissão da tradição), “os velhos sistemas educativos puderam então ser livre e violentamente atacados por todos os homens que, pela palavra ou pela pena, maior influência podiam exercer na opinião pública” (LAGE, 1920, p. 227-228).

Entendendo o texto como discurso, parece relevante destacar o modo como José Maria da Graça Affreixo e Henrique Freire se identificam (ou se autodenominam) na contracapa do livro: compiladores. Na capa da edição

aqui utilizada (1870), o título principal, *Elementos da Pedagogia*, vem acompanhado da informação “Para servirem de guia AOS CANDIDATOS AO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO – Compilados por JOSÉ MARIA DA GRAÇA AFFREIXO – Delegado à Conferência Escolar reunida no Ministério do Reino em 1869 e Professor em comissão da Escola Central – e HENRIQUE FREIRE – antigo aluno da Escola Normal de Lisboa, Professor em comissão da Escola Central e Sócio Honorário do Recreio Litterario do Rio de Janeiro” (os destaques são do original). Já, no texto introdutório, os compiladores justificam a opção:

releva dizer aqui muito á puridade, que havendo tanto de bom, escripto por eminentes pedagogistas estrangeiros, não seríamos nós que o desprezassemos para lhe substituir doutrinas nossas, que não poderiam ser nem tão eloquentes, nem tão filhas da experiencia e estudo aturados. O que vae ler-se é, pois, na maioria extractado das obras d’esses pedagogistas¹⁰ (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 5).

Assim anunciado, pode-se tomar o conteúdo deste “manual” como compilação de ideias pedagógicas a serem reafirmadas. A indicação do lugar social dos compiladores e suas filiações contribuem para afirmar a legitimidade dos conteúdos impressos em suas páginas. Porém, isso não se aplica ao livro *Lições de Metodologia*, de Bernardino da Fonseca Lage. Ainda que mantenha, em muitos momentos, o tom prescritivo, seu conteúdo revela outra forma de compreensão da atividade docente e do ensino e advoga uma autonomia do professor afinada com certo discurso pedagógico recorrente nos anos iniciais do século XX. Defende Bernardino Lage que

ao professor moderno seja dada toda a autonomia necessária para poder elaborar o programa das disciplinas que deve ensinar. E enquanto essa autonomia lhe não for concedida, todo o ensino será defeituoso e deficiente por que só o professor poderá harmonizar os fins objectivos do ensino com as necessidades do desenvolvimento da criança (LAGE, 1920, p. 161-162).

Situado, ainda que parcialmente, o contexto de produção dos discursos, passa-se agora ao seu conteúdo, utilizando a chave de análise

10 Optou-se por manter a grafia dos textos originais.

já anunciada, qual seja, a das prescrições sobre a provisão material para a escola primária. Guiando-se pela “voz dos pedagogos” autores destes manuais, a incursão induziu a organização dos dados em três eixos: 1. a descrição do *espaço físico* (higiene material); 2. os *materiais para o ensino* como elementos estruturantes do projeto material da escola primária; 3. o *aparato burocrático* ou, como prefere Pimentel Filho (1932), a *pedagogia administrativa* (que normatiza e orienta sobre toda sorte de registros e escrituração escolar).

Da descrição do *espaço físico* (a higiene material): a escola deve ser atraente¹¹

Neste item foram consideradas as referências de descrição da edificação, indicações de mobiliário e de outros equipamentos recomendados para a organização e o conforto do ambiente escolar¹².

José Maria da Graça Affreixo e Henrique Freire entendem a escola como espaço que se divide entre higiene material e intelectual; a primeira é retratada pelo espaço e a segunda, pelos alunos (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 27).

Sendo a escola primária o “local onde a criança analphabeta tem de transformar-se em cidadão instruído”, ela deveria: ter sede própria, para não sofrer as contingências de continuas mudanças; ter localização central, para facilitar o acesso dos alunos vindos de diferentes pontos; ser isolada, para assegurar o silêncio necessário à concentração e ser distante de “lojas de bebidas, casa de jogo e de costumes desregrados”; ser “accessível a todos os ventos”, favorecendo a renovação do ar, com edificio exposto ao nascente para “não ficar sujeita nem ao rigor do calor excessivo, durante o estio, nem ao do frio, durante o inverno”; ser rodeada “d’um jardim arborizado, para tornar agradável a quasi sempre

11 Aliás, J. H. Pestalozzi já indicara, entre os princípios gerais de “seu método”, a necessidade de tornar o estudo atraente e desejado pela criança.

12 Ver também as reflexões que Vera Teresa Valdemarin faz sobre esta questão no texto “A função social da escola e a constituição da forma escolar (Brasil/Portugal, 1870 – 1932)”, que integra este Dossiê.

nauseabunda atmosfera da escola, quando contém muitos alunos em estreito e pouco ventilado espaço” (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 11-12). A preocupação com as construções tomou tal proporção, que fez emergir um conjunto de instruções a serem observadas. No caso de Affreixo e Freire, elas vêm apensadas ao fim do volume.

Para Daligault (1874, p. 46), na escolha de uma casa para a escola, dois aspectos deveriam ser considerados: o exterior e o interior. Quanto ao *exterior*, recomenda a escolha de um local populoso e de um terreno elevado, a fim de que o ar seja mais salubre. Este autor, como é recorrente na literatura da época, faz uma série de recomendações e sugestões para que se torne o local o mais adequado possível do ponto de vista da salubridade, incluindo o conforto térmico.

Daligault (1874) também se dedica à descrição detalhada do espaço ideal para a aula, considerado, na sua classificação, como espaço interior, recomendando que seja ocupado, preferencialmente, o pavimento térreo da edificação, sendo conveniente o formato de “retângulo oblongo” e o comprimento não superior à largura em mais de um terço (DALIGAUT, 1874, p. 48). Este autor elabora, ainda, recomendações pormenorizadas quanto à localização e às dimensões de paredes e janelas, preocupando-se com a ventilação e a iluminação do ambiente interno.

Elementos como ar e luz não são desprezados, recomendações acerca da circulação do ar, de sua pureza e da posição mais adequada para a incidência da luz estão presentes nos discursos destes pedagogos. O conforto térmico também é preocupação recorrente. Os “caloríferos” são indicados como objetos que trariam ao ambiente o conforto necessário para que, nos dias de frio, as crianças se sentissem bem, mas seu uso deveria seguir regras, tais como: não exceder a 15° centígrados e fazer uso concomitante de um grande vaso com água, a fim de dar ao ambiente a umidade necessária.

Se os educadores do final do século XIX, cujos discursos são compilados por Affreixo e Freire, assim como aquele registrado por Daligault, tratam do prédio escolar como item central, Bernardino Lage vai, nos anos 20 do século seguinte, nomeá-lo entre as “condições estranhas ao próprio trabalho e que sobre ele influem” (LAGE, 1920, p. 183). Esse deslocamento indicia um movimento e certa racionalidade emergente no campo educacional, localizado no fato de este autor reportar a outras áreas a competência de tratar dessa matéria, nomeando as cadeiras de Higiene e Pedagogia como as que deveriam dela se ocupar.

Além da localização geográfica e da disposição física da edificação, a mobília é considerada como elemento importante na organização e na estética do espaço escolar. Destaca-se como exemplo a defesa elaborada por Vasconcelos (1986, p. 335), para quem: “além de uma aula bem iluminada, é preciso que a mesa em que a criança escreve e em que lê, seja apropriada a sua estatura. Os higienistas, arquitectos, fabricantes, ainda não resolveram definitivamente este grave problema”. Neste fragmento, a articulação entre espaço e mobília revela elementos observados por Vasconcelos quando trata da saúde visual dos estudantes – um dos temas dos quais se ocupa detidamente –, preocupação registrada em produções anteriores, como mostra o exemplo que segue.

As figuras inseridas abaixo (Figuras 1 e 2), embora não tenham sido retiradas dos manuais aqui mobilizados como fontes, são ilustrativas deste debate. Em trabalhos anteriores, localizaram-se imagens como estas em textos que registram recomendações aos professores e aos responsáveis pelo ensino¹³. As que aqui se apresentam foram retiradas do estudo de León Esteban “La academizaci6n de la escrita – Modelos e instrumentos para aprender a escribir em la España del siglo XIX y comienzos del XX”, publicado em obra organizada por Agustín Escolano Benito (1997).

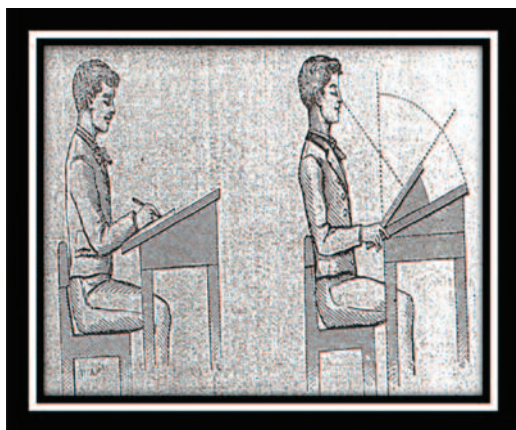
Figura 1 – Modelo de mobiliário escolar.



Fonte: Esteban (1997, p. 330).

13 A circulação de imagens e recomendações semelhantes em publicações pedagógicas que circularam em países ibero-americanos tem motivado um conjunto de iniciativas, como projetos de pesquisa articulados e publicações.

Figura 2 – Modelo de mobiliário escolar: da saúde visual.



Fonte: Esteban (1997, p. 331).

Vemos aqui a defesa de um dos princípios caros ao debate educacional do período: o corpo deveria estar saudável e ficar em uma posição confortável para melhor aprender. A passagem extraída de Affreixo e Freire é ilustrativa do uso do objeto carteira escolar¹⁴, como dispositivo de educação do corpo. No exemplo, o tema escolhido é o ensino de caligrafia, devendo o professor estar atento.

Devem os alumnos estar desencostados da mesa, que lhes não passará acima da altura do estomago. – O braço esquerdo deve estar unido ao corpo até ao cotovelo, e de resto estendido até segurar o papel com os dedos índice e indicador. – O braço direito estará desembaraçado para escrever, devendo por esta razão descair o peso do corpo sobre o lado esquerdo (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 40).

Nas páginas do mesmo livro encontra-se uma tabela – aqui apresentada na Figura 3 – que orienta toda a sorte de dimensões de bancos e mesas, conforme a idade dos alunos.

14 Aos interessados no tema, sugere-se a leitura da dissertação de mestrado de Raquel Xavier de Souza Castro (2009).

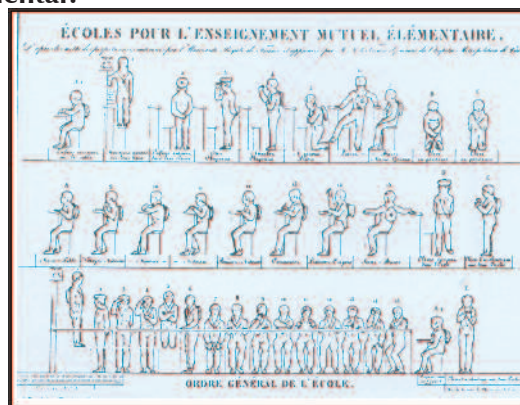
Figura 3 – Tabela contendo as dimensões de bancos e mesas escolares, segundo Affreixo e Freire, 1870.

| Número da peça | Bancos | | Mesas | | Idade dos alunos |
|----------------|---|--|--|------------|------------------|
| | Altura desde o soalho até à beira superior do assento | Largura desde a beira do assento até às costas | Altura desde o soalho até à parte superior do lado onde se escreve | Largura | |
| 1 | 24 a 25 centim. | 23 centim. | 50 centim. | 28 centim. | até 4 annos |
| 2 | 26 a 27 " | 24 " | 53 " | 31 " | 5 e 6 " |
| 3 | 31 " | 25 " | 56 " | 33 " | 7 e 8 " |
| 4 | 34 " | 27 " | 59 " | 36 " | 9 e 10 " |
| 5 | 36 " | 28 " | 61 " | 38 " | 11 e 12 " |
| 6 | 38 " | 29 " | 64 " | 41 " | 13 e 14 " |
| 7 | 42 " | 30 " | 67 " | 43 " | 15 e 16 " |
| 8 | 44 " | 31 " | 70 " | 46 " | 17 e mais |

Fonte: Affreixo e Freire (1870, p. 83).

Já se dispõe de conhecimentos suficientes para saber que essa não é uma preocupação desinteressada, pois ela indica uma educação do corpo que vai diferenciar o sujeito escolar na cena pública: corpo ereto, movimentos comedidos e olhar direcionado são aspectos que compõem a *hexis* corporal do aluno, tema caro a Michel Foucault, como ilustra a imagem da Figura 4, retirada de seu livro *Vigiar e punir*.

Figura 4 – Disposição dos estudantes em uma escola de ensino mútuo elementar.



Fonte: Foucault (1987, p. 11).

Ao apresentar as propostas pedagógicas em voga nos anos 20 do século XX, Lage (1920) faz referência a Maria Montessori, criadora do “método de pedagogia infantil aplicado à educação das criancinhas”, que acabou por ser conhecido simplesmente por “método Montessori”. A criação de um mobiliário especialmente adaptado à estatura dos alunos e de fácil deslocamento – como mostra a ilustração da Figura 5, a seguir – revela indícios de que o mobiliário assume outro *status* na sala de aula: de peça fixa, transforma-se em peça móvel, que passa a jogar como material didático, sobre o qual alunos e professores têm maior poder de decisão.

Figura 5 – Escuela de párvulos de Ramón y Cajal de Zaragoza – Espanha, primeiras décadas do século XX; moderno mobiliário de Montessori.



Fonte: <http://www.museopedagogicodearagon.com/exposiciones_tematicas.php>.

Como exposto até aqui, no conjunto de impressos consultados encontram-se referências sobre questões de localização da escola, da edificação, de uso do espaço e do mobiliário. Entre essas prescrições, destacaram-se duas, apontadas a seguir, que retratam, com certa precisão, o desenho do espaço escolar. A primeira vem pelas mãos de Alberto Pimentel Filho, diplomado pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e atento às questões relativas à higiene escolar. Para ele:

[...] a Higiene escolar ocupa-se das condições a que deve obedecer a construção do edifício da escola, da sua situação e orientação, da capacidade das aulas, seu arejamento, iluminação e aquecimento; dos preceitos a que deve cingir-se a construção do *mobiliário escolar* e a sua colocação nas classes; dos processos a adoptar na limpeza da escola e seu material; da conveniente instalação dos *anexos escolares*, como sejam *balneáreos, cantinas, retretes, vestiários, jardins de recreio*, etc.; das normas a seguir na esterilização da água destinada ao consumo dos alunos; da distribuição dos alunos na classe, segundo os graus visual e auditivo e a capacidade de atenção; dos primeiros socorros a ministrar no caso de acidentes ou de doença súbita; das atitudes dos alunos em classe, de forma a evitarem-se malformações orgânicas e a miopia; das condições em que devem fazer-se os exercícios escritos e a leitura; das regras a que deve subordinar-se a impressão dos livros escolares, mapas e quadros parietais; das normas a seguir na educação física; etc., etc. (PIMENTEL FILHO, 1932, p. 76-77, grifos nossos).

Este trecho é exemplar, ao fornecer elementos para reconstrução mental dos aspectos materiais do espaço escolar.

Tendo como foco os objetos ou utensílios escolares, foi em Daligault (1874) que se encontrou uma passagem ilustrativa, equivalente à segunda prescrição selecionada. Em seu texto, ele investe na apresentação de uma relação dos principais objetos que deveriam compor a mobília (é assim que aparece no original) de uma escola dirigida pelo “*méthodo mixto ou simultâneo*”. São eles:

- 1º Estrado... { mesa e cadeira do professor;
- 2º Carteiras {Tinteiros. Ardósias. Caixetas;
- 3º Indicador;
- 4º Campanha;
- 5º Porta-pennas;
- 6º Quadros pretos envernizados;
- 7º Quadros de leitura e outros;
- 8º Ponteiros dos repetidores;
- 9º Cabides;
- 10º Taboinha de sahida;
- 11º Armario;
- 12º Relógio;
- 13º Crucifixo;
- 14º Fogão;
- 15º Thermometro (DALIGAULT, 1874, p. 49-50).

Esta passagem do manual vem acompanhada da descrição detalhada de cada item de mobília sugerido. O autor acrescenta que poderiam ser considerados também, como itens da mobília, as “insígnias honoríficas, as cédulas de boas notas, os bilhetes de satisfação, o quadro de Taclet, o quadro do systema métrico, ou a colleção dos novos pesos e medidas, etc.” (DALIGAULT, 1874, p. 50).

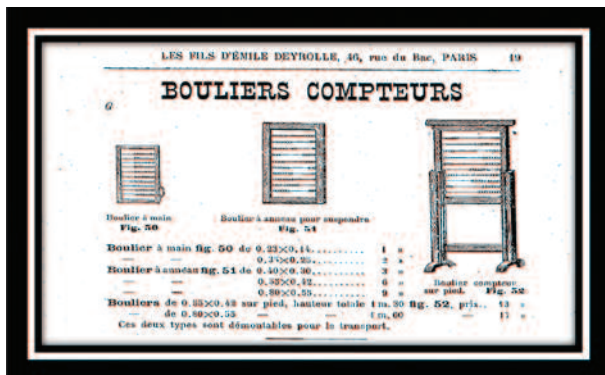
O que se buscou apresentar nesta parte do trabalho foi, além de traços de um desenho que vai dando forma física à escola – do terreno ao espaço interno da sala de aula –, certo movimento entre o que se considera fixo num momento e que vai, ao longo do tempo, ganhando mobilidade no espaço escolar. Nessa perspectiva, é inspiradora a reflexão¹⁵ proposta por Valdeniza Maria Lopes da Barra (UFG) em trabalho que versa sobre a materialidade da escola goiana, apresentado no III Seminário “A materialidade da escola primária graduada pelo estudo da cultura material escolar”, realizado em São Luís do Maranhão em maio de 2012.

Dos materiais para o ensino

Este item é dedicado à apresentação de materiais sugeridos e indicados para o ensino, tais como, “contador mechanico, modernamente introduzido na escola para facilitar o ensino do cálculo”; “padrões de medidas utilizados para ensinar os alunos a servirem-se deles”; “mappa mundi”, contendo as “cinco partes do mundo, os mares exteriores, a Europa e seus limites”, além de “[...] cavallo de madeira para saltar, vara com cavilhas, argolas, trapesio [...]”, destinados ao ensino e aos exercícios de ginástica. Enfim, um conjunto de artefatos dedicados a subsidiar as atividades pautadas, na maior parte das vezes, nas “lições de coisas ou d’objectos” (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 12, p. 41, p. 42, p. 49 e p. 35). Para efeitos de ilustração, na Figura 6 foram reproduzidas imagens retiradas de um catálogo disponibilizado pela indústria para “consumo” das escolas e professores.

15 Nesta reflexão a autora se ocupa da apresentação de dados sobre a organização do espaço da sala de aula que registram esta mobilidade; de peças fixas, os artefatos vão ganhando mobilidade, em geral embalada por novas formas de condução das atividades pedagógicas.

Figura 6 – Contadores mecânicos para uso dos alunos e dos professores.



Fonte: Les Fils d'Émile Deyrolle (1898, p. 19).

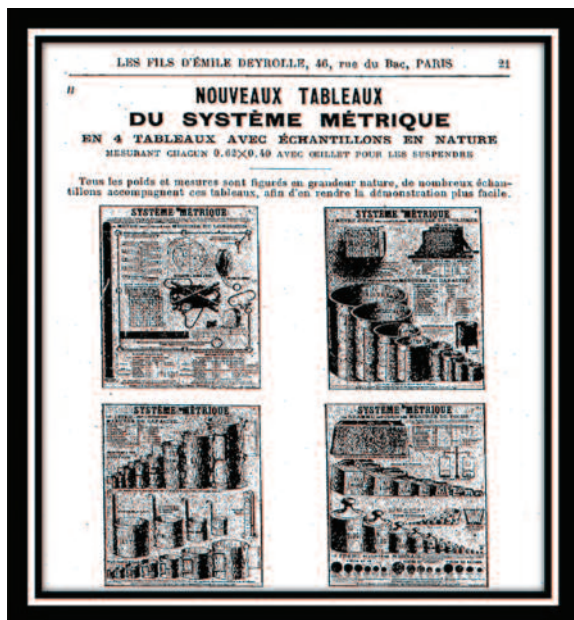
O que se considera contemporaneamente como material para o ensino não segue, necessariamente, o conteúdo dos antigos manuais. Como vimos no item anterior, para alguns autores, aquilo que hoje computaríamos como material didático era considerado mobília: quadros de honra, quadro-negro (para registro do nome dos menos regulares em comportamento, conforme apontam Affreixo e Freire, 1870), contador “mechanico”... Isso indica certa estabilidade inicial na organização e na composição do espaço escolar, que foi sofrendo mutações, como os dados sugerem. Mas é certo que, no conjunto dos textos, há fartas orientações acerca da organização material do espaço escolar, sendo muitas vezes indicado o mínimo necessário para o funcionamento de uma escola ou sala de aula. Bernardino Lage (1920, p. 185, grifo do original), por exemplo, se remete a lei portuguesa que fixava o “mínimo de material didático que deve haver em cada Escola de Ensino Primário Geral”. Trata-se de

[...] um ou mais quadros negros¹⁶, uma colecção de pesos e medidas, uma balança *Roberval*, uma balança decimal, uma craveira, uma colecção de sólidos geométricos, cartas corográficas do continente e ilhas adjacentes e possessões ultramarinas, mapas geográficos, tripé com estante para cartões com alfabetos e silabários, além de várias colecções de caracteres móveis.

16 Note-se que aqui o quadro-negro não assume a mesma função daquele referido por Affreixo e Freire (1870), “em que se inscreviam os remissos no estudo ou menos regulares em comportamento”.

Possuir nas escolas os diversos padrões de medidas e ensinar os alunos a servirem-se deles é considerado como item dos mais importantes no tocante ao ensino do sistema métrico (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 41). Conforme registrado na imagem da Figura 7, a Maison Deyrolle, importante fornecedora de materiais escolares, mantinha em seu catálogo esse item.

Figura 7 – Novo quadro do sistema métrico.



Fonte: Les Fils d'Émile Deyrolle (1898, p. 21).

Conforme recomendações encontradas nas páginas dos manuais que aqui servem de fonte, para o ensino de desenho, geometria e/ou aritmética a escola deveria dispor de sólidos de figuras geométricas que seriam copiados pelos alunos.

Como forma de organizar um ambiente atraente, “a ornamentação das paredes, os objectos para as lições intuitivas etc., darão imenso realce á dedicação do professor e serão um dos melhores auxiliares do ensino” (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 12).

Pelas mãos de Bernardino Lage, o material didático parece se desprender da estrutura fixa da escola, pois não mais é tratado como “item da mobília”, mas é indicado como recurso necessário para que a criança

“tire os maiores e mais rápidos resultados duma lição” (LAGE, 1920, p. 185). Afinal, na proposta pedagógica para a escola primária que vai se desenhando pelas mãos de Lage, não basta mostrar “à criança os objectos de que se lhe quer dar conhecimentos; é necessário também, na medida do possível, fazer-lhos tocar e manejar, pois que assim se despertará na criança um maior interesse em conhecer” (LAGE, 1920, p. 245). Entre suas indicações, encontra-se uma nova demanda em termos de materiais para a escola: trata-se daqueles imaginados por Froebel, o “variado material escolar, relacionado com as formas geométricas, ao qual deu o nome de <Dons>” (LAGE, 1920, p. 245), destinados a desenvolver as faculdades de observação e, pelas combinações a que se prestavam, iniciar os alunos nas indústrias e nas artes.

Já na pedagogia montessoriana vê-se surgir mais um material didático:

muito especial e muito complexo: tabuinhas de diferentes formas, diferentes tamanhos e, diferentes pesos e diferentes cores; tiras de papel; retalhos de fazendas; sólidos geométricos; novêlos de lã ou sêda cada um de sua cor; bonecas e mobílias e utensílios de bonecas, etc. (LAGE, 1920, p. 251).

Ainda seguindo o rastro dos indicativos apresentados por Bernardino Lage, encontram-se informações sobre os métodos americanos que operam importante alteração na dinâmica pedagógica:

é dos aparelhos e materiais diversos que os alunos têm de arrancar todas as noções [...] Aprendendo pelo seu próprio esforço e com o fim de prover às suas necessidades, a criança segue de novo o caminho da descoberta da ciência; e, por êste motivo, dá-se ao método seguido nas Escolas americanas o nome de <método da descoberta> (LAGE, 1920, p. 252).

Como leitura geral poder-se-ia indicar o método intuitivo (ou as recomendações que o tomam por base) como um diferencial na organização material da escola, não tanto pelo espaço físico, mas, sobretudo, pelo uso que propõe dos objetos. Nessa proposta, devem-se interessar os alunos

para que liguem toda a sua atenção aos objectos ou imagens que têm presentes, far-lhes há notar todos os elementos característicos desses objectos, tais como a *fôrma*, a *cor*, a *dureza*, etc., e mostrar-lhes há praticamente, tanto quanto possível, as suas principais aplicações (LAGE, 1920, p. 336, grifos do autor).

Mas esta forma de encaminhar os trabalhos deve ser rigorosamente conduzida pelo professor, de modo a garantir a atenção ordenada da criança sobre os objetos, ou seja, ela deveria interessar-se por eles (ou ser induzida a interessar-se) “na ordem que lhe convém conhecê-los”. De contrário, “a presença dos objectos seria não só inútil mas até prejudicial, porque serviria apenas para trazer a confusão ao espírito da criança” (LAGE, 1920, p. 336).

Nas indicações de Pimentel Filho¹⁷, encontra-se um rico conjunto de informações, que recupera objetos de várias épocas e, aparentemente, os mobiliza na direção de um ensino mais ativo (ou seria intuitivo?). Nessa espécie de *puzzle*, veem-se conviver diferentes dinâmicas e cenários, que retratam momentos e formas experimentadas para educar a infância. Assim, Pimentel Filho “ressuscita” e indica, como utensílios importantes e que deveriam povoar o espaço escolar:

As *letras de marfim* propostas por Quintiliano (35-95 da era actual) e por São Jerónimo (331-420); os *abecedários ilustrados*, como os do nosso João de Barros (1539), e padre Inácio; o *dado* de 25 facetas, cada uma das quando (sic) contendo uma letra, ou ainda duas esferas, uma com as vogais, outra com as consoantes, que Locke havia imaginado (1632-1704); o *bureau typographique* de Dumas (1676-1744); os *hieróglifos* ou *figuras simbólicas* de Vallange (1719); do abade Bertaud (1744); de Alexandre (1777); de Michel (1779); de Lemare (1818); de António de Araujo Travassos (1820); do Visconde de Castilho (1850); os *jogos educativos* modernos de M.^{me} Montessori e do dr. Decroly e de M.^{elle} Monchamp; o *alfabeto fonó-mímico* (ressuscitado de Coménio, Grosselin e Pape-Carpentier) e as *frases compostas com hieróglifos* do professor Manuel Amor (1910); as *letras móveis* ou a *modelação* dos caracteres gráficos em barro, plasticina, hastes flexíveis ou grânulos coloridos, de Borges Grainha (1909); tudo isto, seja qual for o método adoptado, são formas diversas de empregar os processos empíricos maneiras diferentes de facilitar às crianças o trabalho de abstracção que se contém no aprendizado da leitura, de lho tornar interessante e atraente, conjugando a memória dos sinais gráficos com a dos sons que eles representam (*memória combinativa*), e sempre apelando para a actividade lúdica (PIMENTEL FILHO, 1932, p. 75-76, grifos do original).

17 Lembremo-nos que, se a edição aqui utilizada é de 1932, a primeira data de 1875. Ficam registrados o desejo e o convite para comparar as duas edições e identificar o quadro retratado numa e noutra.

O aparato burocrático ou, como prefere Pimentel Filho (1932), a *pedagogia administrativa*:

No campo da *pedagogia administrativa*, levou-se em conta a materialidade produzida a partir da escrituração escolar. Pimentel Filho descreve a pedagogia administrativa como aquela que se ocupa “da organização do ensino num dado país, das leis e regulamentos da instrução, historiando ao mesmo tempo o seu desenvolvimento e comparando-os com a legislação similar dos outros países” (PIMENTEL FILHO, 1932, p. 93). Anos antes, José Maria da Graça Affreixo e Henrique Freire já indicavam algo similar, nomeando o que consideravam necessário para a adequada “escripturação das escolas”. Alertavam: “O professor cuidadoso deverá ter sempre em dia a sua escripturação. Forma Ella uma parte importante da sua profissão, pois alli se hão de colher dados estatísticos por onde se avalie o estado de adiantamento litterario de qualquer nação” (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 17).

Para Affreixo e Freire (1870, p. 17), deveriam integrar a escrituração das escolas: livro de matrícula, registro de faltas diárias, um registro de aproveitamento, mapas mensais e anuais e um livro para lançamento das correspondências do professor com qualquer autoridade. Interessante notar que, no caso destes dois autores, há indicação de que os livros deveriam ser impressos, segundo modelos estabelecidos oficialmente, mas essa impressão era de responsabilidade do professor, que, caso suas condições não o permitissem, deveria “riscá-lo segundo modelo” (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 17).

Nos termos propostos por Daligault, o aparato burocrático deve servir para os registros, que “contribuem poderosamente para o bom governo de uma eschola, pois que fornecem ao professor um meio de saber a qualquer momento o numero dos seus discípulos, sua assiduidade, conducta e adiantamento” (DALIGAULT, 1874, p. 71). Nesse caso, seriam indispensáveis: o livro de matrícula, o livro de chamada, o de notas e o livro das composições ou *themas*, em que uma descrição detalhada e modelos de como eles deveriam ser acompanham o texto.

Vasconcelos, afinado com sua formação, defendia a instituição de cadernetas escolares (segundo ele, reclamadas por médicos e pedagogistas), para que nelas fossem

anotadas com regularidade e cuidado todas as observações antropométricas, medicas, biológicas, fisiológicas, e psíquicas, todos os incidentes, variações e crises de crescimento da criança. A caderneta escolar médico-pedagógica é o cadastro fisiológico e psicológico da criança que permite avaliar o que ela vale e o que ela valerá (VASCONCELOS, 1986, p. 284).

O que se pode inferir, a partir das indicações acima, embora seja uma reflexão bastante provisória, é que a malha burocrática se tornava complexa, na medida da complexidade do aparato escolar e da máquina que a regia. Se, inicialmente, a *pedagogia administrativa* se ocupava “da organização do ensino num dado país, das leis e regulamentos da instrução”, aos poucos ela foi agregando outros instrumentos de registro e aferição. Destacam-se aqui as “cadernetas escolares”, que passaram a compor uma espécie de prontuário pedagógico do escolar.

Considerações

Do retrato construído a partir dos discursos dos diferentes pedagogos, pretendeu-se esboçar um quadro que retrate, em parte, o projeto material para a escola primária da virada do século XIX para o XX. A opção foi por organizar o trabalho em três eixos, sendo o primeiro dedicado à descrição do *espaço físico* (higiene material); o segundo, aos *materiais para o ensino*, tomados como elementos estruturantes do projeto material da escola primária; e o terceiro, dedicado ao *aparato burocrático* ou, como prefere Pimentel Filho (1932), à *pedagogia administrativa* (que normatiza e orienta sobre toda sorte de registros e escrituração escolar). Da sistematização levada a efeito, observa-se que, se inicialmente os conteúdos têm caráter mais prescritivo, aos poucos vão ganhando um tom mais “cientificista”. As prescrições relativas ao espaço, por exemplo, deixam de ser precisas, ou seja, dadas *a priori*, e passam a centrar a atenção no corpo do escolar.

A compilação sobre os materiais para o ensino foi a que revelou maior movimento, se se pensar na internalidade do processo educativo escolar. Esboça-se um cenário no qual desfilam diferentes formas de conduzir os trabalhos e de operar com os objetos. Mas esse cenário não é linear: ele é feito de movimentos, de idas e vindas, de certa convivência de diferentes

abordagens. É o que se pode vislumbrar do excerto extraído do “tratado” de Alberto Pimentel Filho, que “ressuscitou” e indicou, como utensílios importantes e que deveriam povoar o espaço escolar, objetos propostos “por Quintiliano (35-95 da era actual) e por São Jerónimo (331-420)”, revelando uma riqueza e uma diversidade que ofuscam o olhar sisudo que, muitas vezes, se lança para a escola do passado.

Pelos limites deste texto, não foi possível contemplar todos os indícios materiais presentes no conteúdo dos manuais analisados, mas isso não indica que sejam menos importantes. A premiação aparece com frequência e é um tema nada desprezível na organização do trabalho escolar. No caso das “dávivas”, estas deveriam ser de “pequeno valor material mas de imensa significação moral, pela recordação do louvor merecido pelo esforço próprio”. Já os cartões de bons pontos são caracterizados como documentos de aplicação que os alunos poderiam mostrar aos parentes e funcionários como estímulos exteriores (AFFREIXO; FREIRE, 1870, p. 21).

Há um conjunto de elementos não explorados aqui, mas recorrentes nos textos: a questão do tempo, da alimentação, do uniforme (defendido por Bernardino Lage como forma para que as crianças de uma escola não se distingam entre si pelos vestuários) – enfim, um aparato material que revela potencialidade e que convida para novas incursões. Não são caminhos fáceis, quando se deseja um mergulho na escola pelas vias de sua materialidade como constitutiva de uma dada cultura. Identificar, relacionar e nomear os “objetos da escola” não é suficiente (embora tarefa necessária e importante) para compreender o que se ensina e o que se aprende com uma dada materialidade. As diferenças materiais na composição do projeto escolar indicam uma diversidade de modelos e projetos, muitas vezes, aprisionados num discurso que homogeneíza, mas que precisa ser implodido, para que se possa melhor compreendê-la.

Referências

BARRA, V. M. L. A materialidade da escola goiana. In: SEMINÁRIO “A MATERIALIDADE DA ESCOLA PRIMÁRIA GRADUADA PELO ESTUDO DA CULTURA MATERIAL ESCOLAR”, 3., 2012. Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências Sociais, NEDHEL, 2012. Mimeografado.

BUCAILLLE, R.; PESEZ, J.-M. Cultura material. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Portugal: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1989. v. 16, p. 11-47.

CASTRO, R. X. S. *Da cadeira às carteiras escolares individuais: entre mudanças e permanências na materialidade da escola catarinense (1836-1914)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06_12_2011_11.26.49.51c6227930f9e7aaa2f8ed8fc139549a.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2013.

CASTRO, R. X. S.; GASPAR DA SILVA, V. L. Cultura material da escola: entram em cena as carteiras. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 39, p. 207-224, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602011000100014&script=sci_arttext.

CATANI, D. B. Distâncias, vizinhanças, relações: comentários sobre os estudos sócio-histórico-comparados em educação. In: NÓVOA, A.; SCHRIEWER, J. (Ed.). *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2000. p. 143-150.

CORREIA, A. C. L.; SILVA, V. B. Manuais pedagógicos – Portugal e Brasil – 1930 a 1971 – Produção e circulação internacional de saberes pedagógicos. Lisboa: Educa, 2002. (Série Caderno Prestige, v. 13).

CRUZ, M. G. M. B. Antônio de Sena Faria de Vasconcelos (1880-1939): um português no movimento da “Escola Nova”. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 150-162, 2001. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

ESCOLANO BENITO, A. (Dir.). *História ilustrada del libro escolar en España: del Antiguo Régimen a la Segunda República*. Madrid: Fundación Germán Sanches Ruipérez, 1997. p. 315-344. (Colección Biblioteca del libro).

ESCOLANO BENITO, A. Las materialidades de la escuela (a modo de prefácio). In: GASPAR DA SILVA, V. L.; PETRY, M. G. (Org.). *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar* (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012. p. 11-18.

ESTEBAN, L. La academización de la escrita – Modelos y instrumentos para aprender a escribir en la España del siglo XIX y comienzos del XX. In: ESCOLANO BENITO, A. (Dir.). *História ilustrada del libro escolar en España: del Antiguo Régimen a la Segunda República*. Madrid: Fundación Germán Sanches Ruipérez, 1997. p. 315-344. (Colección Biblioteca del libro).

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GASPAR DA SILVA, V. L.; PETRY, M. G. (Org.). *Objetos da escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar* (Santa Catarina – séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.

NÓVOA, A. (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: ASA, 2003.

NÓVOA, A.; SCHRIEWER, J. (Ed.). *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2000.

PESEZ, J.-M. História da cultura material. In: Le GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (Org.). *A história nova*. 5. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 237-285.

RICO, A. C. Iluminar la intensa historia de las prácticas escolares desde la historiografia educativa: potencialidad y retos. In: ALVES, C.; MIGNOT, A. C. *História e historiografia da educação ibero-americana: projetos, sujeitos e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ; SBHE, 2012. p. 155-183.

Fontes

AFFREIXO, J. M. G.; FREIRE, H. *Elementos de Pedagogia*. Lisboa: Typographia do Futuro, 1870.

DALIGAULT, M. *Curso Práctico de Pedagogia*: Destinado aos Alunos-Mestres das Escolas Normaes Primarias e aos Instituidores em Exercício. Traduzido por Joaquim Pires Machado Portella. 2. ed. (Melhorada pelo traductor e acompanhada da tradução de uma Lição de Mr. Dumouchel sobre Methodos). Rio de Janeiro: Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho (Editor), 1874. (Coleção “Paulo Bourroul”, doada pela Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo para a Biblioteca da FEUSP).

LAGE, B. F. *Lições de metodologia*. Coimbra: Editora Ltda (Antiga Casa França & Armênio), 1920.

LES FILS D'ÉMILE DEYROLLE. *Fabrique de mobilier et de matériel scolaires pour les enseignements maternel, primaire, secondaire et supérieur*. Paris: Les fils d'Émile Deyrolle, 1898. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k56986311/f1.image>>. Acesso em: 29 jan. 2013.

PIMENTEL FILHO, A. *Lições de Pedagogia Geral e de História da Educação*. 2. ed. (refundida e ampliada). Lisboa: Livraria Editora Guimarães & Cia, 1932.

VASCONCELOS, A. S. F. *Lições de Pedologia e Pedagogia experimental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986. Obras completas. v. 2, p. 186-722.

Endereço para correspondência:

Vera Lucia Gaspar da Silva
Rua Lauro Linhares, 657, Bloco A, Apto 302
Trindade

Florianópolis – SC

CEP: 88036-001

E-mail: vera.gaspar@floripa.com.br

Recebido em: 22 abr. 2013

Aprovado em: 23 set. 2013